

INTRODUÇÃO AO EXISTENCIALISMO: PERSPECTIVAS LITERARIAS

INTRODUCTION TO EXISTENTIALISM: LITERARY PERSPECTIVES

Camila Pereira Lisboa*

Recebido em: 04/2016

Aprovado em: 06/2016

Resumo: *Esse artigo busca abordar algumas idéias centrais do Existencialismo através de referências extraídas da literatura, escritas por autores aos quais se atribui um forte cunho existencial. Com isso, pretende-se tratar de conceitos filosóficos através da narrativa de dramas humanos concretos, mesmo que vivenciados apenas através da fantasia de seus criadores. Eis uma das propostas do próprio Existencialismo: abrir o olhar do homem para a análise da sua existência real, algo que está para além dos muros da produção teórica.*

Palavras-chave: *Existencialismo, filosofia, literatura.*

Abstract: *This article seeks to address some central ideas of existentialism through drawn references from the literature, written by authors considered with a strong existential nature. Thus, it is intended to deal with philosophical concepts through the narrative of concrete human dramas, even experienced only through the fantasy of their creators. Here is one of the proposals of Existentialism itself: open the man's gaze to the analysis of its real existence, something that is beyond the walls of the theoretical production.*

Keywords: *Existentialism, philosophy, literature.*

Irmão: nesses dois meses, senti surgir em mim um homem novo, um homem novo ressuscitou! Ele estava oculto em mim, mas jamais apareceria, não fosse uma tempestade. É terrível! E que importa se eu passar vinte anos extraindo, com picaretas, o mineral das minas, isso não me aterra. É outra coisa que me aterroriza agora: eu tenho medo de que o homem ressuscitado me abandone! (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 680)

Uma doutrina da existência

Embora algumas das reflexões contidas no Existencialismo sejam tão antigas quanto o nascimento da própria consciência humana, foram necessários muitos séculos desde o surgimento da Filosofia para que surgisse o conjunto de idéias que configuraram a doutrina existencial. Essa doutrina que põe em foco o existir em si mesmo, para além de meras elucubrações sobre o que é o homem e sua essência.

* Graduada em Psicologia, Especialista em Gestão Pública e Mestre em Psicologia Social. Docente em Matrizes Filosóficas da Psicologia (Existencialismo e Fenomenologia). Universidade Federal de Minas Gerais. E-MAIL: milalisb@gmail.com

Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 2 (2016), p. 254-267 ISSN 2236-8612

doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v7i2.28570>

Em meados do século XIX, o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard afirmava que a essência do homem é existir, não havendo nada anterior a isso. A importância do pensamento que Kierkegaard inaugura está no fato dele defender que só depois que uma pessoa nasce a sua história realmente se inicia. Esse filósofo contrapõe tentativas de definir o homem pelos fatores históricos, culturais, políticos, biológicos etc., afirmando que esse tipo de visão retira do próprio homem a possibilidade de enxergar-se como um ser único, que também escolhe ser quem ele é. Com isso, é feita uma crítica a doutrinas como o idealismo alemão, muito difundido entre os intelectuais do século XIX, que buscava estabelecer métodos eficazes para alcançar o saber absoluto. Tentativas como a do idealismo sempre fizeram parte dos esforços empreendidos pela Filosofia, bem como pelas doutrinas classificadas como “científicas”, no intuito de melhor compreender o mundo e o ser humano.

Entretanto, como encontrar uma verdade absoluta sobre o homem? Esse é um dos questionamentos introduzidos pelo Existencialismo, que logo responde não ser possível achar respostas definitivas nesse sentido, por uma razão simples: primeiro o homem existe, depois ele se faz. Não há como encontrar teorias seguras sobre histórias ainda não escritas.

O Existencialismo enquanto doutrina nasceu no século XIX, e expandiu suas raízes ao longo de todo o século XX. Foi uma Filosofia, mas também se traduziu em dramas humanos reais, quer nas trajetórias peculiares de seus autores, quer em suas produções escritas. Estas transpuseram os limites da Filosofia, ampliando suas produções para a literatura, terreno fértil onde puderam encontrar uma maior correspondência com a vida humana em si, em toda a sua complexidade.

Dada a relevância que a produção literária teve no Existencialismo, recupero aqui alguns dos textos clássicos que fizeram parte desse movimento. Incluí outros que são anteriores à filosofia existencial ou cujos autores não se reconhecem como parte dela, mas que ilustram com propriedade alguns dos temas que o Existencialismo analisou.

Apesar de seus diferentes temas, o que esses textos possuem em comum é o apelo para o resgate da existência humana. Há uma tentativa, por parte desses autores, de problematizar a vida que se constrói no dia-a-dia de cada pessoa, algo que corre o risco de se perder em meio às abstrações acadêmicas. Para reafirmar essa proposta é que recorrem à literatura, ela que emerge dos sentimentos de seus criadores, e que evoca diferentes sensações nos leitores. Veremos que os autores citados escrevem não apenas para intelectuais, mas para pessoas comuns.

O “homem novo” a que se refere o Existencialismo é o resultado da tomada de consciência do sujeito sobre sua própria trajetória de vida, na qual ele é o grande responsável por redigir os capítulos da sua narrativa existencial.

Nisso reside a busca pelo si mesmo, apesar das muitas prescrições sociais que versam sobre quem é o homem e o que ele deve fazer.

Esta busca pelo *meu* lar, ó Zaratustra, tu sabes que esta busca tem sido a minha provação e está me consumindo.
'onde fica – o *meu* lar?' Pergunto, procuro e procurei-o sem encontrá-lo. A eterna busca em todos os lugares, a eterna busca em lugar nenhum - ó eterno em vão!
(NIETZSCHE, 2014, p. 366)

Essa é uma busca repleta de ansiedades e incertezas. Encontrando a consciência de si mesmo enquanto um projeto que se faz diariamente a partir das suas escolhas, o sujeito fica à mercê do desamparo fundamental do existir. Para o Existencialismo, não é um Deus quem escolhe a trajetória do homem, tampouco a sociedade pode ser traçar o seu destino. Eis uma doutrina ancorada na responsabilidade do próprio homem sobre os seus atos. Porém, nem sempre é fácil deparar-se com o resultado das escolhas feitas, principalmente quando não se tem a quem culpar pelos insucessos delas. É desse processo que emerge a dor do encontro consigo mesmo. Dostoiévski sintetiza esse sentimento ao descrever o momento em que o Sr. Golyádkin descobre quem era o grande algoz que o perseguia há dias:

O senhor Golyádkin quis gritar, mas não pôde, quis protestar de algum modo, mas não teve forças. Ficou de cabelos arrepiados e sentou-se, desfalecido de pavor. Aliás, havia razão para isso. O senhor Golyádkin reconhecera por completo seu amigo noturno. O amigo noturno era senão ele mesmo – o próprio senhor Golyádkin, outro senhor Golyádkin, mas absolutamente igual a ele -, era, em suma, aquilo que se chama o seu duplo em todos os sentidos... (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 74).

A consciência de existir ocupa um lugar de centralidade na doutrina existencial. É a partir dessa consciência que o homem pode enxergar-se não como um mero objeto das circunstâncias, mas como o autor e o protagonista da sua história. Há um apelo à saída do imobilismo etomada radical da responsabilidade pelos próprios atos, efetivamente reconhecidos como fruto de uma escolha. Não há lugar para o acaso. Para o Existencialismo, a escolha é parte fundamental do existir, até mesmo quando se escolhe não escolher e recair na indiferença. A transição da indiferença para a consciência de si mesmo é retratada através de muitos exemplos na literatura existencial. Acompanhemos a autobiografia do Sr. Meursault, um dos personagens mais emblemáticos de Albert Camus.

- Agora você é um verdadeiro amigo
- Repetiu a frase e eu disse:
- Está bem.
Tanto fazia ser ou não amigo dele, e ele realmente parecia ter vontade disso.
(CAMUS, 2014, p. 40)

(...)

Pretendia instalar um escritório em Paris, para tratar de seus negócios, diretamente com as grandes companhias, e perguntou-se se eu estava disposto a ir para lá. Isto me permitiria viver em Paris e viajar durante parte do ano.

- Você é novo e acho que essa vida lhe agradaria.

Disse que sim, mas que no fundo tanto fazia. Perguntou-me, depois, se eu não estava interessado em uma mudança de vida. Respondi que nunca se muda de vida; que, em todo caso, todas se equivaliam, e que a minha aqui não me desagradava em absoluto. Mostrou-se descontente, ponderando que eu respondia sempre à margem das questões, que não tinha ambição e que isto era desastroso nos negócios. Voltei então para o meu trabalho. Teria preferido não o aborrecer, mas não havia razão alguma para mudar minha vida. Pensando bem, não era infeliz. Quando era estudante, tinha muitas ambições desse gênero. Mas quando tive de abandonar os estudos compreendi muito depressa que essas coisas não tinham real importância.

À noite Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como aliás já respondera uma vez, que isso nada queria dizer, mas que não a amava.

- Nesse caso, por que se casar comigo? – perguntou ela.

Expliquei que isso não tinha importância alguma e que, se ela o desejava, nós poderíamos casar. Era ela, aliás, quem o perguntava, e eu me contentava em dizer que sim. (pp. 48-49)

Assolado pela indiferença, inclusive considerada por outros personagens do *O Estrangeiro* como uma prova da sua tendência ao assassinato a sangue frio, o Sr. Meursault transforma-se justamente quando nada mais lhe resta. Sentenciado à morte, reclama seu direito de escolher como gostaria de viver o tempo que lhe restava. Diante do capelão que fora lhe visitar, revela a sua decisão.

Então, não sei por que, qualquer coisa se partiu diante de mim. Comecei a gritar em altos berros, insultei-o e disse-lhe para não rezar. Agarrara-o pela batina. Despejava nele todo o âmago do meu coração com repentes de alegria e cólera. (...) Eu parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, só tinha isto. Mas ao menos agarrava esta verdade tanto quanto esta verdade se agarrava a mim. (p. 124)

(...)

Tão perto da morte, mamãe deve ter-se sentido liberada e pronta para reviver tudo. Ninguém, ninguém, tinha o direito de chorar por ela. Também eu me senti pronto a reviver tudo. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda o era. (CAMUS, 2014, p. 126)

A proximidade da morte aparece como uma salvação à indiferença. Veremos que esse é um dos temas importantes no Existencialismo, mas antes

analisemos os pilares que essa teoria confere à existência: liberdade, escolhas e responsabilidade.

A vertigem da liberdade

Jean-Paul Sartre, filósofo francês do século XX, fala da condenação humana à liberdade. Não há como eximir-se da liberdade para escolher. Mesmo diante das grandes influências que a sociedade e seus valores nos imputam, não adianta culpabilizá-la por uma vida de infortúnios. O Existencialismo é, portanto, uma doutrina de ação, que pretende colocar o “homem novo” como o verdadeiro responsável por se construir, sendo ele livre para escolher dentre inúmeras possibilidades no decorrer da sua trajetória. Pensava:

Será isso a liberdade? Ele agiu, agora não pode mais voltar atrás; deve parecer-lhe estranho sentir atrás de si um ato desconhecido, que ele já não compreende e que vai transformar-lhe a vida. (SARTRE, 1979, p. 363)

Se escolher não é fácil, assumir as consequências decorrentes disso é algo ainda mais desafiador. Embora o homem deseje ser livre, emerge uma grande angústia da necessidade de escolher – e do tempo limitado de vida que transforma uma escolha na impossibilidade de realizar tantas outras. Diante disso, muitos recaem na tentativa de recusar a liberdade, atribuindo o poder de escolha a outrem. Entretanto, não há saída. A recusa à liberdade é um exercício da liberdade em si, e os resultados dela também são advindos dessa escolha.

Disso decorrem discussões dentro da doutrina existencialista sobre o papel de grandes instituições ou entidades de eximir o homem da responsabilidade de escolher. É possível citar como exemplo um dos pontos mais controversos entre os autores dessa filosofia: a existência de Deus. Alguns desses autores negam a existência de um Deus que governa a vida humana, como Sartre e Nietzsche. Outros atribuem à religião o caminho mais adequado para o encontro consigo mesmo e com algo que nos transcende, como é o caso de Kierkegaard. O que todos esses autores possuem em comum é a crença de que, existindo ou não um Deus, não compete a ele decidir sobre o destino humano. Ninguém além do próprio homem é o responsável por traçar as próprias linhas da sua história.

Vejamos uma narrativa de Dostoiévski a respeito da liberdade e da angústia que faz com que queiramos abrir mão dessa liberdade. Nesse interessante trecho de *Os Irmãos Karamázov*, um dos personagens narra como

teria sido o discurso que Jesus ouvira em meio às tentações que sofreu no deserto.

Desejas ir ao mundo e vais de mãos vazias, com uma promessa de liberdade que, em sua simplicidade e em seu caos inatos, eles não podem nem mesmo compreender; Tua promessa lhes provoca medo, e eles a temem, pois nada nunca foi mais insuportável para o homem e para a sociedade humana do que a liberdade! (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 280)

(...)

Vê o que fizeste, em nome da liberdade! Digo e repito: para o homem, não há preocupação maior além de encontrar, o mais cedo possível, a quem ceder esse dom da liberdade que o infeliz carrega ao nascer. Mas, para dispor da liberdade dos homens, é preciso dar-lhes uma consciência serena. O pão é indiscutível: o homem se inclina diante de quem lhe dá o pão; mas se outro, se não Tu, se apossasse da consciência humana, ah, então o homem abandonaria até mesmo o Teu pão, para seguir quem lhe cativasse a consciência. Mas em certo sentido estavas certo: o segredo da existência humana está não apenas em viver, mas também em encontrar um sentido para viver. Sem uma ideia clara do motivo da existência, o homem prefere renunciar à vida, mesmo cercado por montes de pães, prefere destruir-se a permanecer na terra. É assim mesmo, mas eis o que aconteceu: em vez de apossar-se da liberdade humana, Tu resolveste ampliá-la? Tu Te esqueceu de que o homem prefere a paz, até mesmo a morte, à liberdade de distinguir entre o bem e o mal? Para o homem, não há nada mais atraente do que o livre-arbítrio, mas tampouco existe algo mais doloroso. Em vez de princípios sólidos, que tranquilizariam para sempre a consciência humana, Tu optastes por noções vagas, estranhas, enigmáticas, que ultrapassam as forças humanas, e assim agiste como se não amasse os homens, Tu que sacrificaste a vida por eles! Ampliaste a liberdade humana, em vez de confiscá-la, e assim impuseste para sempre, ao ser moral, os tormentos dessa liberdade. (pp. 282-283)

A responsabilidade pelas próprias escolhas converte-se numa responsabilidade pela humanidade inteira, assim esclarece Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo*, texto clássico que expõe alguns dos princípios centrais dessa filosofia. Nele, o autor defende que em cada escolha pessoal reflete o que queremos para o mundo, posto que também somos responsáveis por ele. Daí a responsabilidade de cada sujeito paracom a vida política e com aspectos sociais que impactam em sua vida, que, em muitos aspectos, é comum com a vida de outros atores sociais.

Postulando o lugar do homem enquanto um “ser-no-mundo”, Martin Heidegger atribui a esse homem o atributo de ser o únicocapaz de refletir sobre o mundo enquanto sua morada, um lugar que ele constrói. O homem se relaciona com outros homens e com a instrumentalidade dos objetos, sendo afetado por eles e transformando-os. Assim, sua responsabilidade extrapola o campo do estritamente pessoal, abarcando também tudo à sua volta. O mundo ou outros não justificam o homem, embora o homem tenha grande responsabilidade sobre eles e, irremediavelmente, sobre si mesmo.

O desamparo essencial

No Existencialismo, a angústia é constitutiva do homem, um resultado natural para aquele que necessita fazer escolhas. Ela exige uma ação, que é a escolha em si mesma. A angústia é ainda mais acentuada pelo desamparo, que brota da constatação de que estamos sós: nem Deus nem qualquer outro ser escolhe por nós; no final, a escolha é sempre solitária, da própria pessoa, aquela que assume as consequências pelo que elegeu e por aquilo o que deixou para trás. Em suas formas agudas, a angústia pode se converter na melancolia e no desespero. A consciência da limitação também pode conduzir ao tédio— a percepção de uma limitação extrema de possibilidades de vida, que faz com que o sujeito se enxergue sempre preso dentro da mesma cadeia de possibilidades.

Dentre suas tantas origens, a angústia advém da nossa consciência da limitação. Somos limitados pelo mundo, pelo outro e pela morte. Embora sejam muitas as possibilidades de escolha, existem as limitações impostas pela sociedade, pelos costumes, pela ética da convivência e por diversos outros fatores difíceis de transpor. Não se pode mesmo é transpor a morte, que nos lembra a cada momento que há um tempo definido para as escolhas. Ao preferir realizar alguns atos, talvez não reste tempo para resgatar o que deixamos para trás. Prováveis arrependimentos também se deparam com a impossibilidade de refazer as escolhas, podendo não havendo tempo para recompor o caminho trilhado.

O tema da morte é um dos mais amplamente discutidos na literatura existencial. Vejamos alguns trechos de uma das obras em que a morte aparece como o personagem principal.

Ele então ia para seus aposentos, deitava-se e outra vez ficava a sós com *ela*. Cara a cara com *ela*. E não havia nada que ele pudesse fazer com *ela*, a não ser olhar e estremecer. (TOLSTÓI, 2014, p. 67)

É no encontro de Ivan Ilitch com a morte que Tolstói descreve a angústia de um aristocrata que revisita a sua vida, concluindo pelo vazio da sua existência. É nesse processo que, finalmente, o personagem encontra a si mesmo. Acompanhemos seu processo.

O horrível, terrível ato de sua morte, ele via, estava sendo reduzido por aqueles que o rodeavam ao nível de um acidente fortuito, desagradável e um pouco indecente (mais ou menos como se comportam com alguém que entra em uma sala de visitas cheirando mal), e agiam assim em nome do mesmo decoro ao qual ele próprio subjugara-se a vida inteira. (p. 73)

(...)

“Como se estivesse caindo montanha abaixo, imaginando estar subindo. E era assim mesmo. E na opinião dos outros eu estava o tempo todo subindo e todo o tempo minha vida deslizava sob meus pés. E agora tudo acabou e é hora de morrer. Mas do que se trata afinal? Por que tem de ser assim? Não pode ser que a vida seja tão detestável e sem sentido. E se é realmente tão detestável e sem sentido, por que então devo morrer e morrer nessa agonia? Há alguma coisa errada.”

“Talvez eu não tenha vivido como deveria”, ocorreu-lhe de repente. “Mas, como, se eu sempre fiz o que devia fazer?”, respondeu, imediatamente descartando essa hipótese; a solução para o enigma da vida e da morte era algo impossível de encontrar. (pp. 89-90)

(...)

Ocorreu-lhe pela primeira vez, o que lhe tinha parecido totalmente impossível antes – que ele não teria vivido como deveria. Veio-lhe à cabeça a ideia de que aquela sua leve inclinação para lutar contra os valores das classes altas, aqueles impulsos de rebeldia que mal se notavam e que ele havia tão bem aplacado talvez fossem a única coisa verdadeira, e o resto todo, falso. E suas obrigações profissionais e a retidão de sua vida e sua família e sua vida social tudo falso e sem sentido. Tentou defender essas coisas a seus próprios olhos e subitamente deu-se conta da fragilidade do que estava defendendo. Não havia o que defender. (TOLSTÓI, 2014, pp. 95- 96)

A consciência da morte é vista pela filosofia existencial como um dos principais elementos de individualização do homem. Isso porque morrer é inevitavelmente um ato solitário, é sempre a “minha morte” que experimento. Ela coloca em evidência que as escolhas feitas são então irreversíveis; nada resta além de encarar a história vivida e que não pode mais ser reescrita. Contraditoriamente, a morte que limita a existência humana é também um dos instrumentos mais poderosos para resgatá-la. Individualizando-se, o sujeito então consegue enxergar a sua existência para além das expectativas sociais, tendo a oportunidade de avaliar a conclusão da sua trajetória, como um leitor que contempla toda a beleza e a feiura de uma narrativa em sua versão final. Esse é um dos recursos de resgate do homem em relação à inautenticidade da multidão, indo ao encontro da autenticidade contida na consciência da sua existência.

A caminho da existência autêntica

Não conheço o *parece*.

Não é apenas o meu manto negro, boa mãe,

Minhas roupas usuais de luto fechado,

Nem os profundos suspiros, a respiração ofegante.

Não, nem o rio de lágrimas que desce de meus olhos,

Ou a expressão abatida do meu rosto,

Junto com todas as formas, vestígios e exibições de dor,

Que podem demonstrar minha verdade. Isso, sim, *parece*,

São ações que qualquer um pode representar.

Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 2 (2016), p. 254-267
ISSN 2236-8612

O que está dentro de mim dispensa e repudia
Os costumes e galas que imitam a agonia. (SHAKESPEARE, 2014, pp. 21-22)

Nesse trecho de *Hamlet*, Shakespeare coloca em evidência a distinção entre o que “parecemos” – algo que bem pode ser representado – e o que de fato somos. Essas duas facetas são um objeto de análise do Existencialismo, que se dedicou amplamente à discussão entre o viver na inautenticidade das aparências e o descobrir-se numa trajetória pessoal.

A autenticidade é constituída pela consciência da escolha de uma trajetória existencial própria, pela qual é preciso responsabilizar-se ao invés de justificar as consequências dos atos escolhidos no exterior. É um processo dinâmico, mutável e contínuo, no qual o homem se vê diante das suas próprias exigências e sofre ainda toda a pressão decorrente do exterior, da sua vida em sociedade. Nela, a “multidão” dita as regras e não raramente o sujeito sucumbe sem questionar aos ditames que vem de fora.

Autenticidade e inautenticidade são dois modos de viver característicos do homem, inevitáveis a ele. Entretanto, o risco reside em perder-se na impessoalidade da multidão, sacrificando sempre o que é singular para cumprir as prescrições sociais que versam sobre o bem viver. A inautenticidade pode ser expressa pelos discursos que copiam a fala da multidão, pelos comportamentos, gestos e todo tipo de expressão onde o próprio cede lugar ao que é alheio. Perde-se a consciência do existir. Daí a revolta de Hamlet com o mundo de fingimentos que vigorava no reino da Dinamarca, uma das causas de seus sofrimentos:

Já ouvi falar também, e muito, de como você se pinta. Deus te deu uma cara e você faz outra. E você ondula, você meneia, você cicia, põe apelidos nas criaturas de Deus, e procura fazer passar por inocência a sua volúpia. Vai embora – chega – foi isso que me enlouqueceu. (SHAKESPEARE, 2014, p. 69)

Se a angústia atormenta o homem, por outro lado, ela é um dos meios que podem possibilitar o resgate da sua existência autêntica. Preso nos ditames do impessoal, o sujeito angustia-se por descobrir que não possui quaisquer possibilidades existenciais próprias, pois suas escolhas são sempre submetidas à apreciação do meio social onde vive. Entretanto, a autenticidade é resgatada quando se toma consciência sobre as necessidades existenciais que lhe constituem e sobre a responsabilidade que tem de escolher entre muitas opções que estão à disposição.

Nesse sentido, o apelo da filosofia existencial está em não permitir que a existência pessoal sucumba às aparências. É preciso que o homem não se deixe escravizar diante das solicitações do seu universo social. Esse apelo está presente em diferentes obras de cunho existencialista. Ele fala da necessidade do homem preservar a sua consciência em prol de si mesmo, mas também em

prol da construção do mundo à sua volta. Tal discurso foi especialmente marcante no século XX, diante das barbáries cometidas nas grandes guerras mundiais, justificadas por um discurso social de ódio e extermínio.

A contradição entre o que se vive pela multidão e o que se gostaria de viver pelo pessoal pode ter consequências indesejáveis. Dessa contradição, é possível que apareça a angústia, como vimos, mas também um sentimento de despersonalização e de alheamento de si mesmo. Acompanhemos um dos exemplos mais belos da literatura a esse respeito, quando Gregor Samsa tem a sua rotina interrompida por uma estranha sensação que lhe assola ao acordar.

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos. (KAFKA, 2009, p. 13)

(...)

“Oh Deus” pensou ele, “que profissão extenuante que fui escolher! Entra dia, sai dia, e eu sempre de viagem. As agitações do negócio são muito maiores do que propriamente o trabalho em casa, e ainda por cima impuseram sobre mim essa praga de ter que viajar, os cuidados com as conexões de trem, a comida ruim e desregulada, contatos humanos sempre cambiantes, que nunca serão duradouros e jamais afetuosos.” (p. 15)

Recai-lhe o peso de uma existência marcada pelas obrigações com o trabalho e a família. Sua única possibilidade de existir diante de tudo isso ocorre através da metáfora da transformação no “inseto monstruoso”, disfuncional para o trabalho e para a vida social como um todo. O Sr. Samsa gradualmente adapta-se a sua forma de existir, inclusive descobrindo habilidades antes desconhecidas. Entretanto, não lhe compreendem, ignoram que ainda tenha sentimentos, repudiam-lhe um modo de viver tão peculiar. Aos olhos dos outros, ele não era mais um humano, e sim um ser descartável que se conserva por hábito, desejando-lhe a morte.

Essas são as consequências possíveis da busca por um modo de existir próprio, nem sempre legitimado pelas outras pessoas, às vezes detestável e repugnante aos olhos desses tantos outros. Seria essa uma das grandes batalhas travadas pelo homem ao longo da sua vida.

Nas armadilhas do cotidiano

No Existencialismo, a trajetória humana é considerada como complexa e em movimento, embora possa se deixar capturar pelas armadilhas do cotidiano. A rotina de uma vida costumeira impede que o homem enxergue a vida transcorrendo em toda a sua dinamicidade, inclusive esgotando-se. Assim a vida se consome e, quando percebemos, não há mais tempo para fazer tudo o que gostaríamos de ter realizado.

É da percepção da imutabilidade da vida que surge o tédio existencial. Também aqui, a angústia pode aparecer como uma consequência do esvaziamento da existência. Ela incita o homem a sair do seu imobilismo, mas não necessariamente. É possível que apenas no final da vida esse homem se dê conta da passagem do tempo e da impossibilidade de fazer novas escolhas.

Para abordar esse tema, acompanhemos a história que bem poderia ser a nossa própria. Veremos agora o caminho peculiar percorrido por Giovanni Drogo, que percebe ter dedicado parte de sua vida ao nada, vendo seu cotidiano esvaziar-se rapidamente com a passagem do tempo. Mas no início, havia apenas uma esperança...

Do deserto do norte devia chegar a sorte, a aventura, a hora milagrosa, que, pelo menos uma vez, cabe a cada um. Para essa vaga eventualidade, que parecia tornar-se cada vez mais incerta com o tempo, os homens consumiam ali a melhor parte de suas vidas. (BUZZATI, 2011, p. 54)

Esperando a chegada dos tártaros, contra quem deveriam defender a fronteira, dedicaram a vida muitos militares do Forte Bastiani. Ali, viviam à espreita de pequenos sinais advindos do deserto, sinais esses que justificariam todo o tempo empreendido nas formalidades da guarda do Forte. Com a chegada dos tártaros, o desperdício dos melhores anos da juventude seria então perdoado. Mas os tártaros não vinham e Giovanni Drogo, como muitos de seus colegas, já estava acorrentado a um destino muito pior: a prisão pelo costume.

Mesmo que tivesse tocado os clarins, que fossem ouvidas as canções de guerra, que do norte chegassem mensagens inquietantes, se fosse somente por isso, Drogo teria igualmente ido embora; mas já havia nele o torpor dos hábitos, a vaidade militar, o amor doméstico pelos muros cotidianos. Quatro meses haviam bastado para amalgamá-lo ao monótono ritmo do serviço. (p. 66)

(...)

Todas essas coisas já haviam se tornado suas, e abandoná-las seria doloroso. Drogo porém não sabia, não suspeitava que a partida lhe daria trabalho, nem que a vida do forte engolia os dias um após o outro, todos iguais numa velocidade vertiginosa. Ontem e anteontem eram iguais, ele não mais sabia distingui-los; um acontecimento de três dias antes ou de vinte anos acabava por parecer-lhe

igualmente distante. Assim se dava, à sua revelia, a fuga do tempo. (BUZZATI, 2011, p. 68)

Imerso na rotina que o consumia lentamente, depois de um tempo Drogo percebe que não consegue mais deixar o Forte Bastiani. Não que gostasse da vida que tinha ali, mas tudo lhe era familiar e costumeiro. Enquanto jovem, imaginava ficar poucos meses na fronteira, até conseguir sua transferência. Porém esses poucos meses foram suficientes para lhe incitar o desejo de prolongar a sua estadia, sem perceber que não conseguiria deixar o Forte jamais. Já não se adaptava em lugar algum e, mesmo o que lhe incomodava na vida do Forte, já lhe era bem conhecido. Deixar o conforto da rotina lhe seria doloroso, embora não percebesse a dor que a própria rotina o sufocava:

Ninguém consegue compreender bem o que aconteceu, mas o rosto dos outros dão nos nervos. “Sempre as mesmas caras”, pensa instintivamente, “sempre as mesmas conversas, o mesmo serviço, os mesmos documentos”. No entanto, fermentam tenros desejos, não é fácil estabelecer com exatidão o que se queria, certamente não essas muralhas, esses soldados, esses toques de clarim.” (p. 131)

Os incessantes desejos sucumbiram ao tédio da existência. Drogo já não era feliz, mas também já não saberia viver de outro modo. Caíra na armadilha do cotidiano. Anulava a suas possibilidades de existir de um modo diferente. Deixando de escolher outras formas de existir, consumia-se no desengano de uma vida rotineira que não necessariamente desejava, mas que era aquela já conhecida. Já não se acostumava ao diferente. O resultado mais drástico desse processo é a alienação do homem quanto à passagem do tempo, que se esvai sem que se tenha uma consciência muito clara disso.

Não havia ninguém que lhe dissesse: “Cuidado, Giovanni Drogo!” A vida parecia-lhe uma inesgotável, obstinada ilusão, embora a juventude já tivesse começado a perder o viço. Mas Drogo não conhecia o tempo. Ainda que tivesse diante de si uma mocidade de centenas e centenas de anos, como os deuses, isso também teria sido pouca coisa. E, em vez disso, ele dispunha de uma vida simples e normal, uma pequena juventude humana, avaro dom, que os dedos das mãos eram suficientes para contar e que se dissolveria antes de se dar a conhecer. (p. 70)

No final, Drogo conclui que não era contra os bárbaros que deveria travar a grande batalha da sua vida, mas contra o tempo e contra a morte, que a passagem do tempo aos poucos lhe trazia. Diante da morte, surge a dúvida sobre se há mesmo sobre um modo próprio de existir, tal qual Drogo se pergunta:

(...) e se realmente estivesse errado? Se fosse um homem comum, a quem por direito não cabe senão um destino medíocre? (BUZZATI, 2011, p. 147)

No Existencialismo, o tédio é resultado da constatação natural do homem a respeito da inalterabilidade dos seus dias. A alienação sobre as possibilidades de escolha que estão sempre à disposição ocasionam o tédio existencial. Este, por conseguinte, pode conduzir à angústia e ao desespero – às vezes únicas alternativas que emergem como o “diferente” que rompe com a cadeia da mesmice, resgatando as potencialidades humanas para a escolha.

Existe uma convocação para que o homem retome a percepção de movimento da sua existência, em que cada momento da vida representa uma escolha. Aqui é possível, inclusive, escolher fazer todos os dias iguais e deixar-se sucumbir à “fuga do tempo”, na qual não se percebe que a vida esgota-se rapidamente e que a única possibilidade que se observa no horizonte é a morte.

A retomada da consciência de si não é um processo fácil. Ora percebemos a importância das escolhas para a composição do nosso próprio existencial ora deparamo-nos com a consciência da nossa limitação diante do tempo, dos outros e das possibilidades de concretização de algumas escolhas. Aqui está mais um desafio anunciado pelo Existencialismo a todo ser consciente: a percepção de si mesmo enquanto um ser singular num universo de tantas outras singularidades que nos limitam e empurram ao anonimato. Essa é uma das grandes contradições que nos acompanham durante toda a vida.

Entretanto, se existe uma recusa do sujeito à sua singularidade, em prol de uma afirmação constata do alheio sobre o que é pessoal, procede-se à negação absoluta do si mesmo. Assim sendo, não é o tempo ou os acasos que decretam a morte do homem, mas é ele mesmo quem se condena ao pior tipo de morte: a morte existencial, a partir da anulação de suas próprias potencialidades.

Algumas considerações

Como é possível deduzir, o que a filosofia existencial propõe é um modo novo de vida. Não se trata apenas de uma proposta teórica, mas de uma forma diferente de ver e construir a própria trajetória existencial, vendo-a reconhecida em sua singularidade dentro e fora do universo acadêmico-científico.

O Existencialismo teve importantes repercussões. Vimos alguns de seus impactos na literatura, mas foram significativas também as influências em composições musicais, poéticas, teatrais e mesmo, nas artes plásticas. No campo científico, revolucionou os paradigmas de algumas áreas do conhecimento, a exemplo da Psicologia. Incipiente enquanto ciência no século XX, a Psicologia aproveitou muito do discurso existencial para resgatar a

necessidade de consideração do singular em meio às técnicas de quantificação prevalentes no período.

Nem sempre os temas do Existencialismo carregam uma conotação de otimismo. Entretanto, a filosofia existencial apresenta a morte, a angústia, o desespero, o desamparo... Não apenas como consequências de uma vida esvaziada de sentidos existenciais próprios, mas também como possibilidades de resgate desses sentidos. Vimos isso ocorrer na história de muitos dos personagens da literatura. O convite lançado pelo Existencialismo é para que possamos enxergar outros tantos exemplos também as nossas histórias pessoais, em toda a riqueza e originalidade de suas narrativas.

Referências

BUZZATI, Dino. *O deserto dos tártaros*. Tradução de Aurora FornoniBernadini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de ValerieRumjanek. 36. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O duplo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Os irmãos Karamázov*. Tradução de Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2013.

GÓRKI, Maksim. *Meu companheiro de estrada e outros contos*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2014.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Carlos Duarte e Ana Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *A idade da razão*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2014.

TOLSTÓI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch*. Tradução de Vera Karan. Porto Alegre: L&PM, 2014.